

# Orgulhos da Cavalaria...

Pelo Cap. J. CODECEIRA LOPES

*O autor do presente artigo, no louvável intuito de ressaltar os feitos da "nobre arma", elege o nosso território como francamente hostil ao emprêgo dos carros. Ao nosso ver, grande parte dos nossos teatros de operações, apresentam-se em melhores condições do que o teatro europeu para o emprêgo dos moto-mecanizados.*

*Estamos de pleno acôrdo com o articulista quando concluiu pela motorização parcial da cavalaria, atendendo as condições particulares do Brasil. Porém, julgamos que esta motorização deverá obedecer não às antigas caraterísticas da arma, e sim às novas, adquiridas pela sua atual organização, que foi imposta pelas exigências da guerra moderna. — A. K.*

Formamos entre os que reputam ser demasiado cêdo para busca de corolários do atual conflito europeu. Todavia, não cremos falsear tal convicção vaticinando que à Cavalaria Polonesa coube a honra insigne de haver preservado, para nossa nobre arma, lugar de destaque nos Exércitos de após guerra.

Abandonada à própria sorte, em virtude do pânico que a surpresa tedesca espargiu entre os dirigentes das fôrças vivas da Nação, esporeada pelo orgulho de tôdas as suas belas tradições, carregou, impávida, sôbre o inimigo extraordinariamente mais forte. E a vitoriosa invasão germânica encontrou, em tal arremetida, um dos raros tropêços realmente eficazes que se lhe antepôs, então.

De algum modo, portanto, sempre foi possível opor o cavalo ao motor. Êste venceu, não há dúvida. Consignem-se, porém, as péssimas condições em que a Cavalaria a cavalo foi posta à prova e se constatará que todos os fatores comuns à vitória estavam contra ela, isolada que foi, no meio de tremendo e geral desentendimento.

Ajustada a cena ao continente sul-americano, em suas devidas proporções e admitida mesmo a particular hipótese de um inimigo fortemente equipado em motores, que papel a Cavalaria a cavalo será convidada a desempenhar, neste solo

muitas vezes mais amplo, pleno de cobertas, com vias de comunicação reduzidíssimas e francamente hostis, de modo geral, ao passeio dos motorizados ? E esses motorizados não terão sempre, contra si, além da astúcia do cavalariano, as enormes dificuldades do remuniciamento e reabastecimento, constantemente dilatadas pela agressividade de frentes cuja vastidão permitirá, sobretudo, contínua intranquilidade em seus itinerários ?

Por serem tais dúvidas as mais simples que se possam suscitar como contraposição à idéia de motorização total da Cavalaria, cremos nós, talvez dispensem elas acurada reflexão. E' que, não obstante a ação empolgante do motor, na guerra atual, estar causando funda impressão à massa, sempre inclinada ao sensacionalismo, a tendência entre nós será para uma motorização apenas parcial. Respeitar-se-á não a tradição, nem a majestade da Cavalaria a cavalo, mas, sim, a real eficiência de suas características.

No entanto à "estrela guia" está fadada a luta contra a crise decorrente das espetaculares ações das forças aéreas e motorizadas que ora se defrontam na velha Europa.

Oportuníssimo foi, portanto, a nosso ver, o artigo do camarada Cap. C. V. publicado dia 6 de Maio último na Gazeta de São Paulo, sob o título "Raides de Cavalaria".

Procurando registrar uma distinção conferida ao 4.º R. C. I. o autor do brilhante artigo fez citação de muitos dos trabalhos que se executam à surdina, Brasil afora, em pról da nossa Cavalaria. Antes disso, porém, retumbante entusiasmo sempre latente na alma do Cavalariano, transformára suas palavras num vivo "alerta" contra a aproximação do inimigo, iniciada sob a forma dos múltiplos e apressados conceitos que já se ouvem amiúde.

Aguilhoados pelo calor de suas palavras, viemos trazer-lhe a insignificância de nossa colaboração, com algumas referências a trabalhos de cavalarianos brasileiros.

Inicialmente pedimos vênia ao camarada Cap. C. V. para uma retificação que o orgulho comum impõe.

Trata-se da parte concernente ao 4.º R. C. I. cujo feito

ão foi consignado em sua verdadeira extensão, naturalmente por carência dos necessários detalhes.

Essa Unidade fez o percurso Santo Ângelo-Estação Jaquá em marcha para a concentração de manobras, obedecendo à ordem do Comando da 1.<sup>a</sup> D. C.. Realizou, então, um deslocamento de 293 kms. em 6 jornadas de marcha e 3 de descanso, impostas na referida ordem. Em seguida tomou parte ativa nas manobras, quando percorreu 85 kms. E imediatamente após o imponente desfile de toda a Cavalaria da 3.<sup>a</sup> R. M., efetuado em São Simão, uma comissão estranha ao corpo constatou a significativa indisponibilidade de 8 % sobre um total de 350 animais. Dêsses trabalhos, realizados com tão diminuto desgaste, resultou a conquista de lindo bronze, pessoalmente entregue ao 4.<sup>o</sup> R. C. I. pelo Exmo. Sr. General Cmt. da 3.<sup>a</sup> R. M., numa cerimônia que sua presença e seu entusiástico improvisado transformaram em alta honra e solene estímulo, para os Cavalarianos de Santo Ângelo.

Digno de menção, foi ainda, o regresso dessa Unidade a sua sede. Em marcha magnífica, cumprida após os árduos trabalhos que até então lhe haviam sido atribuídos, percorreu 303 kms., em sete dias, sem uma jornada de descanso, para atingir S. Ângelo em condições ótimas.

Aliás, como "trabalhos de Cavalaria" devemos mencionar também o serviço de estafetas e o raide de patrulhas, realizados ambos na 1.<sup>a</sup> D. C.

O primeiro tem caráter regular. Nos dias estabelecidos parte um soldado de uma Unidade a outra, levando a correspondência oficial. Percorre, de Santo Ângelo a São Luiz, por exemplo, a distância de 100 kms. E isso se realiza dia sim, dia não.

Quanto ao segundo, constou êle da partida de uma patrulha de cada Unidade da Divisão, às oito horas do dia 3 de Maio último, para um percurso de 720 kms., a ser feito num máximo de 12 dias. As patrulhas, completamente equipadas, impôs-se um mesmo circuito orientado segundo o sentido de movimento dos ponteiros de um relógio, com término no corpo de origem e passagem obrigatória em tôdas as Unidades da D. C..

Disputando tal prova, uma patrulha do 4.º R. C. I., sob o comando do 1.º Tenente Rubens Menezes Padilha, cobriu o itinerário S. Ângelo-Santiago do Boqueirão-Itaqui-São Borja-São Luiz-S. Ângelo, em condições excelentes, após 11 dias de marcha, utilizando animais que muito pouco tempo antes, (59 dias) por ocasião das manobras, haviam percorrido 681 kms..

E para concluir, rebusquemos no passado um trabalho de vulto: o raide São Simão-Rio de Janeiro, realizado em 1932, por uma patrulha comandada pelo então 1.º Tenente João José Baptista Tubino. Saindo da Coudelaria Nacional de Saícan, a 6 de Maio daquele ano, a 10 de Julho chegava à Vila Militar; isto é, após 54 jornadas de marcha e 10 de descanso, encerrava um percurso de 2.170 kms., com os cavalos em ótimo estado.

À parte o objetivo que norteou êste empreendimento, evidenciação das qualidades de resistência dos anglo-árabes, convenhamos, representa êle um esforço portentoso, de homens e animais.

Os feitos citados pelo camarada Cap. C. V., máis êstes aqui registrados e tantos outros que não têm a merecida divulgação, demonstram, de modo categórico, que o trabalho em pról da Cavalaria tem sido realizado e contínua, tácito, mas produtivo. A êle, quotidianamente, nossos cavalarianos devotam o interêsse, o método e o desvêlo necessários. Um simples exame dos solípedes empregados, revelará o carinho que se lhes dedica. E explicará porque reputamos tão confortadores os resultados obtidos.

Desta sorte, proclamemos, com orgulho que tôda a Cavalaria Brasileira permanece ciosa de suas velhas e gloriosas tradições. E como disse o Exmo. Sr. Gen. Cmt. da 3.ª R. M., no feliz discurso pronunciado no 4.º R. C. I., por ocasião da entrega do bronze, "a lança de Osório e Andrade Neves não resvalou e caiu no chão do desalento e da negação, mas está firmemente empunhada pelos seus descendentes da nobre arma, que a mantém bem alto, sempre, como um símbolo de bravura e sacrifício, a assinalar na História o arrôjo e o patriotismo da indormida sentinela das fronteiras da Pátria, ontem, hoje e amanhã: a nossa Cavalaria".